

---

## A queima das bruxas: por dentro e por fora

*Witches burn: inside and outside*

Álex Kalil e Felipe Paludetti

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3961>

DOI: 10.4000/pontourbe.3961

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Álex Kalil e Felipe Paludetti, « A queima das bruxas: por dentro e por fora », *Ponto Urbe* [Online], 22 | 2018, posto online no dia 15 agosto 2018, consultado o 22 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3961> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3961>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# A queima das bruxas: por dentro e por fora

*Witches burn: inside and outside*

Álex Kalil e Felipe Paludetti

---

## Por dentro<sup>1</sup> da queima: relato de Álex Kalil

- 1 No dia 07 de novembro de 2017 como parte de um conjunto de pesquisas em protestos realizadas pelo NEU, selecionamos o protesto contra a vinda de Judith Butler ao Brasil organizado por diferentes coletivos que anunciavam sua vinda como uma “ameaça”. Eu nunca pensara que a vinda de uma filósofa para um evento que se destinava discutir os “Fins da democracia” pudesse ameaçar pessoas a ponto de organizarem um protesto. Decidi então verificar a página oficial do evento e passei a ler as mensagens e imagens que associavam a vinda de Butler como parte de um plano ao qual nomeavam como “propagação da ideologia de gênero”.
- 2 Possuindo lideranças masculinas e jovens, os protestos se tornaram uma *guerra política* contra aqueles que organizaram o evento do SESC, pessoas vistas por eles como apoiadoras da “ideologia de gênero”. Essa batalha teve seu ápice de expressão em uma cena particular, a qual garantiu aos membros do protesto, o espanto de todos em volta - fator necessário para que o ato político ganhasse força em nossos corpos e memória.
- 3 A cena em que os manifestantes queimam os bonecos de Judith Butler, Fernando Henrique Cardoso e George Soros foi digna de espanto, orgulho, estranhamento e náusea. A queima de Butler me remeteu a Joana D’arc. Um ato de julgamento final, onde suas ações não tinham lugar no mundo e assim foram inquiridas, sem direito ao perdão, para o caminho dos infernos. Por outro lado, ao invés de uma corte eclesiástica, estavam pessoas que pareciam viver em um momento de “perigo”, ameaçadas por uma “ideologia” onde a queima de uma “mulher ruim” parece revigorar seus sonhos e lampejos de uma nação e futuro melhor. A queima de Butler, no entanto, não representava apenas o repúdio a filósofa, era possível observar também que se tratava

da aversão a uma cadeia de ideias, posicionamentos políticos, e até “investimentos” de setores lidos como públicos em eventos que visavam debater a diversidade de gênero.

- 4 Eram por volta das 11:00 horas e uma das dezenas - e difíceis - entrevistas é atravessada por uma repentina confusão. Meu entrevistado, uma liderança do movimento TFP (Tradição Família e Propriedade) e a única pessoa do grupo que concedia entrevista, interrompe a resposta e ele, também espantado, me aponta para o que está acontecendo logo ao lado: a foto do rosto de Judith Butler incendiada. O fogo nos assusta, a imagem é diabólica! Os paus que prendiam a foto formavam uma cruz pegando fogo, como se vê em diversas imagens reproduzidas na internet.
- 5 Neste momento, já havia perdido a entrevista. O ciclo de violência verbal, ora acompanhado por gritos de “fascista é o cu da sua mãe”, outrora por uma aula pública sobre a obra de Butler chega ao seu apogeu. O discurso teatral da queima de Butler silencia o que havia de tácito entre os manifestantes que estavam lá para realizar o “cordão de isolamento” de Butler. Para fotógrafos e jornalistas presentes era a oportunidade de capturar o momento exato de transformação do fogo em fumaça. Momento de Butler condenada e um fabuloso ato teatral ou cinematográfico. Todos chegaram mais perto se misturavam em meio aos manifestantes, mas os jornalistas, pesquisadores e manifestantes, ao invés de cartazes, levantavam suas câmeras ou celulares. A câmera era em si um cartaz, uma oportunidade para os manifestantes transmitirem o momento ao vivo em sua página no Facebook. O que estimavam é que os mais de 300 mil assinantes da petição online contra o evento de Butler estivessem acompanhando ao vivo a sua filmagem.
- 6 Olhando as fotos e reportagens após o evento, o que se vê é que um verdadeiro ato político e estético com ares de esquisite política. O que havia de religioso enquanto repertórios de ação para esses sujeitos foram estranhos por parte dos canais de divulgação. O que mais se vê em uma busca pelas notícias sobre o evento é a foto de um jovem que ficou famoso por segurar um crucifixo durante todo o ritual de queima de Butler, Soros e Fernando Henrique. Mais de uma vez tentamos entrevistar este sujeito, que havia prometido conceder uma entrevista, mas que sempre parecia mais ocupado com a sua performance no ato.
- 7 Havia um prestígio dentro do grupo com os sujeitos que davam corporeidade aos discursos. Aquilo que não era dito, mas feito, tornado corpo, não só chamava a atenção da nossa equipe de pesquisadores ou dos jornalistas, mas também era motivo de respeito dentre os participantes contra Butler. Os *performers* que ousavam em gestualizar suas razões políticas pareciam satisfazê-los tanto quanto quem decidia discursar ao microfone que estava aberto para quem quisesse expor algo em nome da causa.
- 8 Por outro lado, a cena que assistimos remete mais aos rebeldes de Adirley Queirós, de *Era uma vez Brasília*, onde os precários atos políticos são inertes e uma fantástica ficção guia todo o filme, assim como guiou a manifestação. Além do que foi filmado ou fotografado, o que não está presente é o quão afobado tudo isto estava. O boneco não pegou fogo de uma vez, foram várias tentativas para que a queima acontecesse. Alguns membros do protesto discordavam do local ou momento em que o boneco queimava, outros se preocupavam quanto ao teor “cívico” que o protesto deveria ter, em que queimar bonecos representando pessoas não seria desejável enquanto conduta correta de “cidadãos de bem”.

- 9 Nada disso alcançou efeito ou foi registrado. A performance da queima dos bonecos era coercitiva por parte das lideranças, de modo que o uso tático deste elemento era mais importante do que qualquer ideia de comportamento ideal. A queima atrairia o olhar da mídia, dos demais manifestantes, dos policiais ali presentes, dos funcionários do SESC, dos transeuntes e dos clientes do Supermercado em frente. O efeito da queima de Butler se sobressaiu com relação à sua causa, causou impacto, náusea e espanto nas pessoas ali presentes.
- 10 É assustador ver, ainda que seja um boneco, um corpo queimar. O momento em que o boneco começou a pegar fogo em todo o corpo, o manifestante que o erguia, com medo de se queimar, jogou o corpo na calçada em frente ao SESC. O empurra-empurra para tirar uma foto do corpo queimando se intensificou, até que um bombeiro funcionário do SESC apagou as chamas. Um dos membros do protesto xingou o bombeiro. Para este senhor, não era certo que o boneco fosse apagado, como se o bombeiro estivesse contra o ato. A liderança então decidiu alocar o corpo, levaram-no para o meio da rua, onde encharcaram o boneco com um líquido inflamável.
- 11 Um senhor, que havia conversado comigo sobre “intervenção divina” e “intervenção militar”, retira do carro (onde eles guardavam toda a parafernália de protesto) uma bateria e as batidas formavam aos poucos uma espécie de ritual de queima dos “acusados”. Mais náusea. Gradativamente uma roda é formada, um círculo de manifestantes com placas, sinalizadores, crucifixos, água benta, bíblias e um coro que entoava “*Queima Butler, queima Butler, queima Butler*”. Do outro lado da roda, uma massa de fotógrafos, tentando capturar cada frame da euforia. Os bonecos são jogados no meio da rua, ansiedades e vários fósforos riscados, um rapaz aparentando em torno de 25 anos tenta reacender os bonecos com um pequeno maçarico.



Imagem 1: Queima do boneco. Autoria: foto de Akira Guimarães (2017)

- 12 Enquanto o boneco não incendeia, o garoto emblemático por segurar um crucifixo durante o protesto, se mantém parado. Ele é o único de corpo inteiro na roda,

apontando a cruz para os bonecos em gesto de exorcização. Os bonecos demoram cerca de 5 minutos para incendiar. Um senhor envolto na bandeira de Israel, aparentando seus 40 anos, segurava uma bandeira nas cores rosa e vermelho com a frase ‘xô Judith’ logo atrás do jovem. Ele comemora quando o fogo começa a se alastrar pelos corpos dos bonecos. O jovem então faz um gesto inesperado e começa a pisar violentamente no que sobrou dos bonecos e uma manifestante grita: “Não pisa não, não pisa não, cara, porque vai apagar o fogo!” Uma senhora com um pedaço de pau começa a furar o boneco no chão. Enquanto isso, o líder do movimento discursa:

(...) não é papel de absolutamente nenhum marmanjo falar sobre educação sexual com os meus filhos (...) os pais é quem devem decidir a orientação sexual de seus filhos (...)

- 13 Do outro lado, os manifestantes a favor de Butler começam a gritar:

(..) fora Temer, fora Temer, fora Temer (...)

- 14 A liderança responde:

Vocês acham que somos a favor do Temer? Então vamos mostrar pra eles, eu quero todo mundo: Fora Temer! Fora Temer, Fora Temer! (..) Somos contra Temer há muitos anos, tá bom?! Vocês é que devem estar arrependidos.

- 15 A liderança puxa o coro e os manifestantes contra Butler levantam suas mãos em punho cerrado e passam a repetir o “*Fora Temer*”. Durante algum tempo, ambos os grupos cantavam juntos o repúdio ao presidente Michel Temer.

- 16 A boneca com sutiã rosa e chapéu de bruxa começa a segunda fase da queima, que é acompanhada por uma intensa comemoração pelo grupo. Do outro lado, inicia-se então um grito de “fascistas, fascistas, não passarão”, algo que é copiado pelo grupo contra Butler, que como em um efeito mimético retribuem os mesmos dizeres: “fascistas, fascistas, não passarão!”.

- 17 Aos poucos, para evitar algum tipo de agressão física entre os grupos, os policiais começam a organizar uma barreira de isolamento entre os grupos com policiais voltados para ambos os lados. O grupo defensor de Butler entona mais um grito, dessa vez, contra a Polícia Militar: “*Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da polícia militar*”. A liderança do protesto contra Butler então reage, saudando os PMs e cantam, “*Heróis de farda pra batalhar, eu canto viva à Polícia Militar*”.

- 18 Importante dizer que os manifestantes contrários a Butler afirmavam terem “convidado” a PM para realizar a “segurança” do evento. O grupo temia a presença de torcidas de futebol antifascista que, segundo eles, já os haviam ameaçados em outras ocasiões. Aliás, ameaças não faltaram, uma integrante de nossa pesquisa havia sido ameaçada antes do protesto por grupos contra Butler. Nisso não nos diferíamos dos manifestantes em meio a esse emaranhado de acusações e ameaças entre os grupos.

- 19 Nossa equipe já estava quase toda fora (se é que era possível) do campo, parados na calçada do supermercado Sonda aguardando o término do evento. Como supervisores de campo, Felipe e eu, estávamos preocupados com a equipe de pesquisa, sobretudo com os membros mais novos. Para alguns, esta era a primeira experiência de campo. Por um momento, nada acontece, todos cansados de um ato que durou em torno de quatro horas. A angústia se misturava com o cheiro da fumaça, todos ansiavam pelo término da “festa” que agora conta com sinalizadores em verde e amarelo, típicos de torcidas de futebol em campeonatos sulamericanos, como a *Libertadores*. O clima não perdeu seu ar futebolístico e não faltou o Hino Nacional vindo de um dos carros dos manifestantes contra Butler e acompanhado em coro. Toda a cena é de provocação

destes manifestantes contra seus “adversários”, o clima é o de “catimba” como se diz no futebol (uma espécie de “antijogo” que consiste em desestabilizar emocionalmente seus opositores).

- 20 Do outro lado, os manifestantes pró Butler entoam vaias e fazem gestos dando ênfase em seus órgãos genitais com as mãos. Os manifestantes pró Butler fazem “pirraça” e dão às costas para a performance de execução do Hino Nacional. A “catimba” surte grande efeito, o lado pró Butler cai na provocação. Um dos manifestantes (pró Butler) abaixa as calças e mostra as nádegas em direção à performance de execução do Hino. A reação dos contrários é de espanto e indignação. A “contra catimba” também surte efeito e as nádegas à mostra constrangem os contrários.
- 21 Mas a perspicácia de uma das lideranças do contra Butler lança um feitiço contra a contra catimba e com sadismo, humor e um megafone provoca: “A esquerda antigamente pegava em armas, agora eles mostram a bunda”. Dos dois lados, o riso foi geral, mais eufórico de um lado (contra Butler) e constrangido do outro (pró Butler). Todos já estão muitos cansados. A mesma liderança com o megafone anuncia “*Está encerrado o ato de repúdio a Judith Butler*”, ele agradece a presença. Nossos pesquisadores voltam ao Sonda.

## Por fora da queima: relato de Felipe Paludetti

- 22 No exato momento da queima dos bonecos me encontrava na parte interna do SESC. Minha estada em campo ocorria com extrema preocupação, uma vez que fui designado a supervisionar e, ao mesmo tempo, cuidar dos outros pesquisadores menos experientes que estavam comigo no campo pró-Butler. Era necessário redobrar a atenção, ora pela reação dos manifestantes e ora pelas reações que os pesquisadores expressavam. Parte dos discursos proferidos pelos manifestantes conservadores atravessavam nossos corpos e nos atingiam de maneira absoluta. Em nossa equipe de pesquisa, erámos homens e mulheres, em sua maioria homossexuais e bissexuais. Todo o contexto aplicado ali em campo nos atingia como agulhas em nossas mentes e, em muitos momentos, era difícil disfarçar a dor ao ver tantas dessas agulhas carregadas com veneno do ódio pelo que éramos penetrar em nossa pele e nos envenenar aos poucos.
- 23 Em determinado momento precisei utilizar o banheiro (coisas que acontecem em campo e que não são importantes de mencionar nos relatos). Entrei no SESC e aproveitei para entender um pouco do que os funcionários e usuários daquele local estavam pensando sobre o que ocorria lá fora. Ao sentar nos bancos da praça de alimentação, notei uma fumaça preta vinda do lado de fora. Senti que algo importante estava acontecendo e eu estava fora (por estar dentro do SESC). Parecia um tipo de sinal, os gritos e palavras de ordem cessaram por um breve período, uma energia estranha se fez presente, parecia um respiro antes do mergulho. Os seguranças e outros funcionários do SESC estavam aflitos. Na condição de pesquisador, eu estava atento a esses detalhes. Mas as outras pessoas que estavam na praça de alimentação desfrutando de pequenos minutos de lazer, próximo ao horário do almoço, não pareciam notar o que se passava e não se importavam muito. O espetáculo do lado de fora era de uso exclusivo de seus manifestantes, não atrapalhando o fluxo que seguia normalmente do lado interno do SESC. Passado o breve silêncio, o barulho e as palavras de ordem voltaram mais intensos.



- 24 A caminho da porta de saída para testemunhar os fatos que ocorriam lá fora me encontrei com um dos pesquisadores que estava sob minha responsabilidade, ele estava com uma cara muito abatida e achei por bem conversar para entender o que ele estava achando daquilo tudo. De repente, fomos interrompidos por uma senhora loira, cabelos curtos e uniformizada dizendo que, por medidas de segurança, os portões da entrada central seriam fechados e caso quiséssemos sair dali teríamos que ir pelos fundos. Olhamos espantados para ela e na sequência percebi que um contingente de seguranças estava na entrada, não deixando mais ninguém entrar ou sair do recinto. A porta estava entreaberta e dava para enxergar um pouco o que estava nos esperando lá fora.
- 25 Ao sairmos pelas portas dos fundos demos a volta em todo quarteirão, e parecíamos estar em outro universo nesse momento, como se toda aquela manifestação estivesse acontecendo em algum lugar imaginário e os personagens ali presentes estivessem dando o máximo de si para interpretar seus papéis. A tranquilidade do trânsito, senhoras andando com seus cachorros pela calçada, o pequeno barulho do trânsito próximo às ruas que estavam em torno do SESC Pompeia, todo aquele ambiente parecia restrito a uma pequena bolha. Ninguém notava ou não ligava para a batalha ideológica e os acirramentos violentos que estavam acontecendo na entrada principal. Era como se um portal nos transportasse diretamente para o campo dos conflitos ideológicos de internet.
- 26 Atravessamos esse portal e nos sentimos dentro desta bolha de conflito e violência verbal que anteriormente havia sido abafada pela distância de se estar no interior do SESC. Os bonecos já haviam sido jogados ao chão, a Polícia Militar havia feito um cordão de isolamento impedindo que os manifestantes que defendiam a vinda de Butler entrassem num acirramento físico com os que estavam contra. Gritos, ofensas, círculos de oração, o caos urbano que nos infringe paulatinamente no cotidiano estava ali, no mesmo tempo e espaço, causando uma série de desdobramentos, com sentimentos esquizofrênicos de repulsa e culpa. Culpa essa vinda diretamente do crucifixo de um dos manifestantes que apontava para a boneca de Butler enquanto queimava numa imagem que nos remetia aos tempos mais sombrios da inquisição.
- 27 Parecia que não importava quantas pessoas estavam participando do ato, mas sim, as ações que conseguiam atrair visibilidade. Se antes uma manifestação precisava só de cartazes e palavras de ordem, hoje, pelo advento das redes sociais e a ultra exposição que ela provoca, é necessário chamar atenção de quem está do outro lado e digamos que eles sabem fazer isso com maestria. Se do lado pró Butler a preocupação era dar uma aula sobre o que a autora diz em seus livros, do outro era de expor e apelar em simbolismos de indignação, um discurso muito mais palatável pela maior parte da sociedade. Assim, o click certo da máquina fotográfica parecia valer muito mais que a quantidade de pessoas presentes.
- 28 Ao terminar a manifestação com vários simbolismos jogados na nossa cara, atravessando nossos corpos e nossas convicções, saímos com uma energia carregada. Levamos algum tempo para digerirmos toda aquela vivência e, agora, podendo regurgitar toda essa demanda pelos dedos desse texto, este relato é uma contrapartida à vitória de todas essas demonstrações de violência divulgadas através de fotos espalhadas pela internet.

---

## NOTAS

1. O título é uma referência ao trabalho de José Guilherme Magnani que apresenta a reflexão sobre a etnografia urbana como um processo de pesquisa “de perto e de dentro”.

---

## AUTORES

### ÁLEX KALIL

Graduado em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo. É membro do projeto de pesquisa Religião, Direito e Secularismo sediado no CEBRAP (Centro Brasileiro de Pesquisa e Planejamento) e pesquisa controvérsias públicas envolvendo religião e conservadorismo. É pesquisador do Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual na FESPSP e atuou como supervisor de campo do lado contra Judith Butler nas manifestações.

### FELIPE PALUDETTI

Graduando em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e pesquisa gênero com ênfase em masculinidades e conservadorismo político. É pesquisador do Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual na FESPSP e atuou como supervisor de campo do lado pró Judith Butler nas manifestações.